

A CONSTRUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR EM TORNO DA INTER/TRANSDISCIPLINARIDADE

Por Camila Iandoli Gomes, Felipe José Pichinelli Bertto, Gabriela Natalia da Silva, Melissa Guermandi, Paula Ferraz Pacheco, Rafaela Chiuzoli Moraes¹

Escola para nós é vida, e não preparação para a vida (Célestin Freinet).

Introdução

Nossos princípios e objetivos básicos: autonomia e cooperação. Nosso papel de educadores: contribuir para o desenvolvimento de cidadãos, para uma sociedade verdadeiramente democrática
(Célestin Freinet)

Depois de alguns encontros com alunos de uma escola municipal da cidade de São Carlos, percebemos que eles tinham bastante dificuldade de se expressar, resultado provável do próprio ambiente de sala de aula, muitas vezes caracterizado pela posição do aluno preferencialmente como ouvinte. A partir do reconhecimento desta demanda, tentamos propor atividades diferenciadas, promovendo encontros que proporcionassem um ambiente de conversa e reflexão, com vistas a contribuir para o desenvolvimento mais completo dos alunos, de acordo com a proposta freinetiana acima destacada. Desse modo, partimos do princípio da horizontalidade na relação entre professor/aluno proposto pelo referido teórico, de maneira a adaptá-lo e torná-lo eficaz em nossas vivências educacionais.

As atividades foram programadas com base em filmes, clipes, músicas, propaganda, poemas, contos, crônicas, porém, sempre atendendo às pendências sinalizadas pelos professores acerca de conteúdos e dificuldades específicas de cada turma. Trabalhamos com crianças do sexto ao nono ano (antigas quinta, sexta, sétima e oitava séries) que, com o passar do tempo, mudaram suas posturas em relação a nós, que passávamos ao papel de professores, e ao nosso trabalho.

Conseguimos envolvê-los de tal forma que nossa ligação transpôs a barreira existente entre professores e alunos, e eles se sentiam cada vez mais à vontade para nos contar sobre suas amizades, relações familiares, desenvolvimento na escola, segredos e muitos outros assuntos que lhes importavam. Essa relação foi fundamental, pois os alunos sentiam que podiam contar conosco para expor seus anseios e dificuldades, e se envolviam nas tarefas sugeridas, visto que levávamos em conta seu contexto social e suas vivências na proposição das atividades. Atentamos para a importância de trazer à sala de aula a vida e a experiência do aluno, principalmente por conta da defesa de Célestin Freinet, segundo a qual *“Escola para nós é vida, e não preparação para a vida”* (Cf. Dias, s/d., p.70). Assim, a importância de realizar atividades realmente significativas e que contribuíssem para a formação das crianças como sujeitos ativos na sociedade tornou-se uma de nossas prioridades.

¹Licenciandos em Letras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membros do Grupo de Pesquisa “Linguagens, etnicidades e estilos em transição” (LEETRA/CNPq), liderado pela professora Dra. Maria Sílvia Cintra Martins. Integrantes do Projeto PIBID/UFSCar. E-mail: leetra.ufscar@yahoo.com.br

Por outro lado, sempre tentamos agregar algo novo para que os alunos saíssem de seu habitus cotidiano e caminhassem por novos terrenos, o que acreditamos que contribuiu muito para o conhecimento de si mesmos e para que aflorasse sua criticidade, dando voz às diversas opiniões existentes em sala de aula.

Entre o letramento e a alfabetização

Ao utilizarmos o termo letramento, nos deparamos também com uma série de outras questões que precisam ser observadas e destacadas para que tal conceito seja entendido em sua totalidade. Antes de tudo, devemos saber diferenciar os conceitos de letramento e de alfabetização, o que nem sempre ocorre entre nós, devido a diversos fatores, sejam políticos, sociais ou educativos.

Para que possamos compreender o que vem a ser letramento, é importante notar que não basta apenas nos basearmos em relações imediatas das práticas de leitura ou escrita, mas também é preciso observar que essas atividades que dizem respeito ao ler e ao escrever transcendem os contextos situacionais imediatos. Além disso, devemos levar em conta contextos culturais, sócio-históricos e pressões que venham à luz no momento pontual da realização de um determinado evento de letramento (Cf. Martins, 2008a). Por outro lado, a alfabetização se limita apenas a certas técnicas próprias do saber ler e escrever, sendo tal conhecimento geralmente adquirido na escola. O que podemos constatar, neste caso, é apenas uma transferência de conhecimento vinda do professor para o aluno. Já com o letramento busca-se gerar maior diversidade de situações propícias para a leitura e a escrita; busca-se não somente o saber ler e escrever em si, mas a vivência em alguma situação que envolva leitura ou escrita, seja mais simples, seja complexa, seja de forma direta ou não. É nesse sentido que uma criança pode ser considerada letrada – por participar de situações em que se vivencia a cultura escrita – mesmo que ainda não esteja alfabetizada.

Em sala de aula, um dos nossos maiores desafios foi unir crianças que já eram alfabetizadas com outras que partilhavam de algum tipo de letramento. Não sabíamos ao certo como se dá tal diferença dentro de um mesmo ambiente com pessoas da mesma idade, de forma que atribuímos esse fato a alguns fatores envolvendo problemas sociais e pessoais.

A escola está inserida em um bairro de classe média baixa, e observamos que se trata de um lugar onde todos se conhecem e parecem ser unidos. Há um baixo grau de escolaridade entre os pais de alunos e poucos possuem certo domínio do letramento de prestígio, embora isso não impeça que as crianças sejam estimuladas ao acesso a essa cultura. Mesmo com esse incentivo, há ainda alunos que, por si só, não possuem interesse pela leitura e escrita. A partir disso, começamos a buscar um aumento na produção de textos escritos desses alunos através dos métodos citados acima.

Trabalhamos com atividades diferenciadas, que fazem com que o aluno se expresse e tenha interesse. Procuramos assuntos sobre os quais eles talvez gostassem de falar. Além disso, baseamo-nos nos estudos que vínhamos desenvolvendo em nosso curso de Licenciatura em Letras, na compreensão da existência de variedades lingüísticas e do equívoco que existe entre dizer que “isso é falar certo” e “aquilo é falar errado”. É muito discutida, hoje, a noção de

preconceito lingüístico que deveria ser encarado de outra maneira pela sociedade: o que se propõe é que existem situações que exigem um grau maior de formalidade; outras, não. Desse alto grau de formalidade, deriva a idéia de maior prestígio de algumas variedades em detrimento de outras.

Tendo essas questões como um dos motivadores de nossas atividades, começamos a pensar em como trazer esses conceitos vistos na universidade para o ambiente de sala de aula do Ensino Fundamental. Assim, elaboramos uma atividade que tratasse desses quesitos. Essa atividade, realizada em período contrário às aulas em agosto de 2010, se baseou na pergunta “O que é falar certo para você?”. Levamos uma música de Adoniran Barbosa e pedimos para os alunos discutirem sobre o que eles consideravam estar errado na letra em questão. Nosso objetivo era fazer com que eles soubessem das variantes lingüísticas, que não existe um modo de falar correto por natureza, e que não seria o caso de nós, enquanto seus professores, termos que falar certo porque estamos na universidade, e eles não.

Tentamos mostrar-lhes que os critérios para determinar o que está certo ou errado, adequado ou inadequado, não se baseiam no grau de escolaridade, mas no gênero do discurso a que se filia determinado texto. Aprofundávamos, com isso, a compreensão de questões referentes às diversas práticas de letramento.

Práticas de letramento: a aprendizagem através da integração entre Jornal Mural e Jornal Impresso

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), projeto do qual fazemos parte, consiste em contribuir para a formação e aperfeiçoamento profissional de graduandos e professores, além de fornecer apoio a escolas estaduais e municipais. As atividades que desenvolvemos se baseiam em alguns eixos temáticos que foram elaborados considerando as reuniões desenvolvidas nas escolas de São Carlos, que visavam atender à demanda dos professores, bem como às do edital do projeto.

A preocupação em atender às necessidades dos professores fez com que questionássemos nossa maneira de conduzir as atividades, já que, muitas vezes, nos vimos em conflito com as discussões e propostas acadêmicas para a educação.

Um desses exemplos foi o pedido de um dos professores para que aplicássemos exercícios aos alunos do sétimo ano, simulando o SARESP. Para não fugir do modelo proposto pela prova, retiramos as atividades de provas anteriores já aplicadas. Consistiam, basicamente, em um texto e várias questões que deveriam ser respondidas com base na interpretação do mesmo. Percebemos, entretanto, que estes textos eram extremamente infantis e fugiam totalmente da realidade vivenciada pelos alunos. Expunham situações fantasiosas, pitorescas e até mesmo de difícil assimilação.

Em nossas reuniões, começamos a nos questionar sobre se esse era mesmo nosso objetivo e até que ponto deveríamos nos ater às demandas do professor, que sempre foi muito solícito conosco, e às nossas próprias propostas, em consonância com os teóricos estudados durante o curso de Letras.

Nos encontros que realizamos em período contrário às aulas, depois de conversarmos com os alunos e refletirmos sobre o tema em questão, sempre havia uma proposta de escrita. Como nossa atuação, durante o primeiro semestre, foi através dessas oficinas durante a tarde e foi grande a produção de textos dos mais diversos gêneros, por parte dos alunos, surgiu a idéia de fazermos um jornal mural para afixar na escola.

Na verdade, tudo começou com o interesse de se falar, neste jornal, sobre o Observatório Astronômico que os graduandos das outras áreas do PIBID iriam realizar. Como tínhamos pouco tempo até a data do Observatório, preferimos fazer cartazes de divulgação do evento e o jornal viria depois, com os resultados dessa observação das estrelas. Algo que aprendemos neste quase um ano de vivência na escola foi que, às vezes, é necessário sentirmos as condições daquele ambiente e focar na exploração dos meios que estão ao nosso alcance para, aos poucos, expandirmos nossos objetivos e aprimorarmos os resultados em busca do esperado.

Para a confecção dos cartazes, conversamos com os alunos sobre o que lhes chamava mais a atenção, enfatizando a importância de nos valermos de recursos como imagens e cores para atrair o público que pretendíamos atingir. Dividimos as funções e cada uma das crianças se responsabilizou pelo que mais lhe agradava: uns fizeram os desenhos, outros pintaram, trouxeram réguas, cartolinas, glitter... e foi bastante interessante observar que, enquanto os alunos do sexto ano faziam seu cartaz, os do sétimo ano - que esperavam dar o horário da próxima oficina - já estavam começando a formar os cartazes de sua turma na biblioteca da escola. A produção foi envolvente e divertida, e os resultados muito gratificantes!

Passado o observatório, aproveitamos a empolgação dos alunos para escrever os textos que iriam compor nosso jornal mural. Neste dia, juntamos as salas de todos os anos (do sexto ao nono), motivamos para que fizessem entrevistas entre si, e todos também produziram poemas, artigos de opinião, curiosidades, charges e textos informativos sobre o observatório, a Copa do Mundo que estava acontecendo na época, e palestras que foram ministradas na escola.

Porém, nosso intuito era, desde sempre, mobilizar a construção de um jornal escolar, importante meio de comunicação que, na escola, deve atuar como instrumento fortalecedor das relações escola/aluno/comunidade. Além disso, nosso projeto visava incentivar práticas artísticas, culturais e esportivas, e fazer com que os conteúdos trabalhados se aproximassem do ambiente cotidiano no qual as crianças estão inseridas.

Quando começamos o trabalho na referida escola, passamos a ter reuniões semanais para elaborar as atividades que seriam aplicadas, conversar sobre o andamento do trabalho e discutir algumas teorias e proposições acerca do processo de ensino/aprendizagem. Um dos maiores questionamentos levantados foi aquele da interdisciplinaridade. Nossa orientadora sempre nos falava da possibilidade e da importância de se trabalhar levando em conta esse conceito, que está, de toda forma, implícito na própria realização dos projetos de letramento - como os que desenvolvemos, primeiro em torno do jornal mural, depois em torno do jornal escolar - caracterizados nestes termos por Martins (2008b, p. 79):

*“Os **projetos de letramento** estão voltados para questões sociais mais amplas em que a escrita se insere e passa a ser aprendida ou apropriada com a participação efetiva da comunidade escolar”.*

Nesse sentido, começamos a pensar em como desenvolver atividades levando em conta nossas discussões a respeito dessa concepção, o que, não raro, é considerado utópico e pouco produtivo por parte de muitos profissionais na área da educação. Talvez pela dificuldade em conseguir articular o trabalho com outras áreas de conhecimento e por falta de um material mais específico que dê respaldo para a realização de atividades com esse intuito.

No jornal mural já mencionado, tivemos a oportunidade de pôr em prática nossas discussões, tentando aplicá-las à sua elaboração. Embora não tenhamos podido contar com a colaboração plena de todas as outras áreas, criamos um jornal que envolvesse temáticas diferentes entre si e que permeavam outras áreas de conhecimento, que não só aquela da disciplina de Língua Portuguesa.

Aproveitando o evento de observação astronômica na escola, realizado por alunos do PIBID de Biologia, nossa orientadora nos apontou uma forma de articulação que poderia ser empreendida, sempre levando em conta a vocação interdisciplinar dos projetos de letramento (Cf. Martins, 2008b). Decidimos, então, ir à escola no dia do evento, onde várias áreas aproveitaram para desenvolver atividades. Os graduandos do PIBID de Química realizaram experimentos, enquanto graduandos da Pedagogia criaram um mural de poesia, entre outras atividades.

Com base no observado, partimos para a construção do jornal mural, aproveitando o evento realizado para criar pequenas reportagens nas quais os alunos, com nosso auxílio, narravam e comentavam o acontecimento, e alunos do oitavo ano elencaram algumas perguntas a serem feitas para outros alunos do quinto ano que estavam presentes na atividade realizada. Foi interessante ver o trabalho conjunto e o envolvimento deles em um jornal que lhes era destinado. Além desses textos, foi elaborado um pequeno comentário a respeito da oficina de xilogravura da qual os alunos haviam participado no SESC/São Carlos, também como parte das atividades do PIBID/UFSCar.

Aproveitando, ainda, o clima de Copa do Mundo (visto que era mês de junho), decidimos trabalhar este tema, o que foi muito importante por percebermos que a vivência dos alunos, o contexto do presente momento e seus interesses, manifestados durante a atividade, estavam sendo levados em conta. Os alunos ficaram tão empolgados que até se prontificaram a “chargear” o Dunga e a desenhar o mascote da copa. Além disso, criou-se um “Você sabia?” sobre a vuvuzela: por percebermos que um dos alunos carregava uma para cima e para baixo, em sua mochila, sugerimos que ele fizesse uma pesquisa na internet e depois o ajudamos a articular o texto. Uma das produções mais interessantes foi uma espécie de artigo de opinião, de uma aluna do sétimo ano, no qual mencionava o falso nacionalismo que surge nessas épocas.

Toda essa especificação do conteúdo do jornal mural é importante para ressaltar como a interação com outras áreas, que leva em conta as vivências dos alunos e dialoga com suas necessidades, colabora para a amplitude do trabalho e para a satisfação dos alunos, que se vêem contemplados nas produções que realizam.

A partir dessa atividade, passamos a pensar com mais foco na elaboração de um jornal, não mural desta vez, mas em possíveis edições bimestrais. Quando levamos essa idéia às reuniões realizadas na escola, os professores e alunos das outras áreas do PIBID, que atuavam ali, mostraram-se muito interessados em participar. Decidimos, então, iniciar o projeto, que contou

com a participação dos PIBIDs de Letras, Química, Educação Física, Música, Pedagogia, da diretora e dos supervisores do projeto na escola.

O trabalho foi correndo vagaroso e, quando fixamos uma data para a entrega dos textos, que cada área deveria elaborar em conjunto com os alunos, saiu efetivamente. Por meio de um programa de computador, nosso grupo mesmo pôde construir o layout.

Cada área envolvida procurou dar voz aos alunos e cada área o fez de maneira diferenciada. O grupo das Letras publicou textos produzidos pelos alunos em nossas atividades durante a parte da manhã, na escola, na qual, como já comentamos, sempre se propunha alguma produção textual. Além disso, montamos um grupo com alunos dos nonos anos, visando incluí-los na produção de alguma matéria de caráter de entrevista/reportagem.

Esse trabalho foi muito interessante, pois, por meio da gravação de uma palestra realizada na escola por um graduando indígena da UFSCar, o grupo de alunos destacou as perguntas que consideraram mais importantes feitas ao indígena durante a palestra, para reproduzi-las em formato de entrevista, e criaram um pequeno texto onde buscaram contemplar as outras questões levantadas durante sua fala. A atividade foi interessantíssima, pois os alunos sentiram-se competentes e importantes por estarem envolvidos em um projeto assim, em que seus nomes estariam nas páginas de um jornal, como colaboradores. Já os graduandos dos outros cursos, envolvidos na produção do jornal, procuraram trazer à tona as atividades realizadas com os alunos dessa escola durante o semestre, usando falas dos mesmos para elucidar o trabalho.

Trabalhar com outras áreas implicou a diversidade dos gêneros contidos no jornal o que, aliás, é importantíssimo para que ele tenha mesmo o layout que se espera. Essa diversidade e diferenciação nos textos inseridos no jornal mostraram que, embora cada área tenha um modo próprio e uma metodologia específica para realizar seu trabalho, é possível vincular ações conjuntas, aproveitando pontos em comum e criando articulações até então consideradas impossíveis ou de difícil alcance. Além disso, podíamos entender melhor, na vivência prática e em conjunto com os alunos daquela escola, questões teóricas, como esta formulada por Brait e Rojo (2002, p.7):

“É levando em conta os aspectos cristalizados pela tradição de recepção do jornal, de enfrentamento de sua linguagem e de suas finalidades, que vamos observar as formas de construção dessa instância de comunicação, tentando identificar, entre outras coisas, as marcas que conferem ao texto jornalístico e aos vários gêneros discursivos que aí circulam a dimensão de leitura, interpretação e construção do mundo e não de linguagem transparente, de veículo neutro de informação de acontecimentos”.

De acordo com o preceito da interdisciplinaridade tão arraigado no projeto do qual fazemos parte, e passada a experiência do jornal mural, mais simples e nem tão elaborado, partimos então para a criação de um jornal impresso. Discussões mostraram que esse jornal deveria ser composto de produções providas de todas as áreas que atuam na escola através do projeto PIBID, e não apenas de nós, das Letras. O que se tentou com tal determinação foi promover a interdisciplinaridade, de forma que todos participassem e as áreas pudessem interagir umas com as outras, criando assim um jornal que pertencesse aos alunos, à escola e à comunidade.

O grupo de Língua Portuguesa, composto por seis bolsistas e duas colaboradoras², se encarregou de fazer a comunicação com as outras diversas áreas e mais tarde, de diagramar, editar e imprimir o jornal. Sendo assim, seja individualmente ou em duplas, cada bolsista manteve contato com alguma outra área (Biologia, Educação Física, Música, Pedagogia e Química) de forma a orientar o que deveria ser feito, o que as pequenas produções poderiam conter, em qual formatação cada texto deveria ser enviado, entre outras preocupações. Já nesse ponto do trabalho aflorava o conceito de interdisciplinaridade, haja vista a interação entre os grupos, o contato de todos com os textos de outras áreas que não as suas e assim por diante.

O cuidado do grupo com relação a que tipo de textos seriam publicados levou, de maneira geral, a selecionar conteúdos que, de alguma forma, dissessem respeito aos alunos, que pudessem ser facilmente compreendidos e que trouxessem alguma informação importante àqueles que os leriam. Dentro disso, cada área buscou relatar algum fato ligado ao seu cotidiano, fosse interna ou externamente à escola.

Outras questões levantadas com os alunos foram a respeito da visão que muitos leitores têm do jornal como um meio de comunicação que transmitiria, de forma objetiva, a realidade dos acontecimentos, e da linguagem dos jornalistas, como sempre aparentemente imparcial e neutra, por buscar mostrar o que está acontecendo em nossa cidade, país, ou no mundo (Cf. BRAIT& ROJO). Também chamamos sua atenção para a distinção existente entre os gêneros do discurso, alertando que não bastaria se fizéssemos um amontoado com as suas atividades, sem as peculiaridades da formação de um jornal, como características textuais e design, entre outros.

Com a elaboração deste jornal impresso, finalmente conseguimos atingir a moderna necessidade da transdisciplinaridade que, como o próprio prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que *está ao mesmo tempo* entre as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é *a compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.³

Compreendemos, com isso, que estamos em um momento em que, cada vez mais, as barreiras entre os diversos ramos do conhecimento precisam ser rompidas, enquanto a articulação entre os mesmos deve se fortalecer. Mais do que produzir um jornal da escola, buscamos a transdisciplinaridade, de forma a sensibilizar alunos e professores para a forma com que todas as áreas, sejam das ciências humanas, exatas ou biológicas, têm sua importância e merecem reconhecimento.

Com a continuidade da publicação de novos exemplares do “Jornal da Escola”⁴ no decorrer dos próximos semestres letivos, visamos incentivar os alunos a produzirem textos dos mais diversos gêneros (o que cabe perfeitamente neste suporte de textos), e tentar envolvê-los na

² Paloma Argemira da Silva e Rafaela Silva de Souza, bolsistas do Projeto “Práticas de letramento e de alfabetização” (ProEx/UFSCar), coordenado pela professora Dra. Maria Sílvia Cintra Martins.

³ Definição retirada do artigo “Educação e Transdisciplinaridade”, disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf> (acesso em 04/12/2010).

⁴ Nome fictício

elaboração do jornal, incentivando, cada vez mais, seu protagonismo. Assim, tentamos contribuir para que venham a ser indivíduos mais independentes e letrados.

Conclusão

Para finalizar a discussão a respeito da construção do jornal escolar em torno da inter/transdisciplinaridade, retomamos a observação encontrada em Martins (2008b) que leva em consideração a idéia do trabalho em equipe, ou seja, da união de todas as áreas a fim de um mesmo objetivo. Apesar de não termos tido, nesta primeira etapa, a participação plena de todas as áreas, obtivemos resultados positivos, tanto no jornal mural quanto no escolar, e pudemos perceber que é possível a realização de ações conjuntas, aproveitando pontos em comum e criando articulações que eram consideradas impossíveis.

Devemos ressaltar que as oficinas realizadas por nós, focadas em produções textuais, tiveram uma contribuição significativa para a realização do jornal. Ao longo do segundo semestre de 2010, os alunos da Escola Municipal em pauta foram cada vez mais se aprimorando na escrita, à medida que trabalhamos com diferentes gêneros do discurso de diferentes maneiras. Procurávamos, além disso, sempre articular as atividades com o cotidiano dos alunos, para que eles não se sentissem alheios à situação.

Acreditamos que trabalhar com diferentes gêneros do discurso dentro da escola trouxe muitos benefícios: os alunos ganharam um novo espaço e uma nova forma de comunicação e escrita. Concluímos, também, que o jornal escolar, ao envolver professores, funcionários da escola, pais e alunos, ajuda a enriquecer o ensino e contribui para o aprimoramento na relação social dentro da comunidade escolar.

Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth; ROJO, Roxane. *Gêneros: artimanhas do texto e do discurso*. In: Linguagens e Códigos. São Paulo: Escolas Associadas, 2002.

DIAS, Ruth Joffily. *O cotidiano na pedagogia de Freinet*. Sem data. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_02_p069-078_c.pdf (acesso em 01/12/2010).

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. Avanços e retrocessos nas propostas de ensino de Língua Portuguesa: questões de ideologia e de poder. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, p. 23-35, 2008a.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. *Oralidade, escrita e papéis sociais na infância*. Campinas: Mercado de Letras, 2008b. (Série Gêneros e Formação).